

## DIÁLOGOS ENTRE PROFESSORAS/ES NO AMBIENTE VIRTUAL: PENSANDO INFÂNCIAS E IMAGENS NA ESCOLA

*Luciana Borre Nunes<sup>1</sup>*

*Raimundo Martins<sup>2</sup>*

### **RESUMO:**

Este trabalho propõe desestabilizar e deslocalizar olhares das/os professoras/es de artes visuais através de reflexões propostas pelo campo da cultura visual. Nesse sentido, ponho em perspectiva a seguinte problematização: como um grupo de professores de artes visuais em processo de formação inicial concebe as infâncias com as quais interagem em sala de aula e os artefatos culturais que ali se inserem? Baseado em uma abordagem metodológica de orientação qualitativa, este estudo apresenta um viés etnográfico ao acompanhar e instigar discussões de um grupo de vinte e sete estudantes, a maioria exercendo docência em escolas públicas do Estado de Goiás.

**Palavras-chave:** Cultura Visual, Formação de Professores, EAD

### **ABSTRACT:**

This article proposes to destabilize and to relocate the visual arts teachers ways of looking through reflections proposed by the field of visual culture. In this

---

<sup>1</sup> Doutoranda pela UFG no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, mestre em Educação pela PUCRS (2008); especialista em Gestão e Planejamento Escolar pela PUCRS (2006) e graduada em Pedagogia pela UFRGS (2004). Escreveu o livro "As Imagens que Invadem as Salas de Aula: reflexões sobre Cultura Visual". *lucianaborre@yahoo.com.br*

<sup>2</sup> Doutor em Educação/Artes pela Southern Illinois University (1982) e pós-doutor em arte-educação pela University of London (1992) e em cultura visual pela Universidade de Barcelona (Espanha), onde também foi professor visitante. É professor titular e diretor (2008-2012) da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG), docente do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual - Mestrado/Doutorado da FAV/UFG. *raimundomartins2005@yahoo.es*

sense, it puts in perspective the following problems: how a group of teachers of visual arts in initial training conceives childhoods with which they interact in the classroom and the cultural artifacts that fall there? Based on qualitative methodological approach guidance, this study presents an ethnographic approach and investigate discussions of a group of twenty-seven students, most of them teaching in public schools in Goiás/Brazil.

**Keywords:** Visual Culture, Teacher Training, EAD

## **INTRODUÇÃO**

Ao ministrar o curso de extensão “As imagens que invadem as salas de aula: reflexões sobre cultura visual”, durante o mês de julho de 2011 para estudantes do último semestre do Curso de Licenciatura em Artes Visuais – modalidade a distância - da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, fui instigada a produzir este trabalho em virtude das intensas discussões nos fóruns de debate realizados durante o curso. Motivada para contribuir com a formação daqueles professoras/es, eu visava, também, indagar sobre minha própria constituição como arte educadora, revisitando práticas pedagógicas e experiências vividas como professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Assim, este trabalho propõe desestabilizar e deslocar olhares das/os professoras/es de artes visuais através de reflexões propostas pelo campo da cultura visual. Nesse sentido, ponho em perspectiva a seguinte problematização: como um grupo de professores de artes visuais em processo de formação inicial concebe as infâncias com as quais interagem em sala de aula e os artefatos culturais que ali se inserem?

Baseado em uma abordagem metodológica de orientação qualitativa, este estudo apresenta um viés etnográfico ao acompanhar e instigar discussões de um grupo de vinte e sete estudantes, a maioria exercendo docência em escolas públicas do Estado de Goiás. As discussões focalizam os tópicos que ganharam repercussão entre os/as estudantes, refletindo sobre suas preocupações pedagógicas. Abordo

concepções acerca das infâncias contemporâneas presentes nas escolas, instigo o deslocamento de olhares sobre imagens presentes nas salas de aula e convido para uma reflexão sobre práticas pedagógicas em artes na expectativa de estender reflexões propostas pelo campo da cultura visual. Ao trabalhar estas temáticas – tópicos de maior repercussão e preocupações pedagógicas de professores em formação -, simultaneamente exponho minhas vivências enquanto educadora dos anos iniciais, articulando-as a partir de um olhar crítico sobre minha atuação docente como professora formadora de outros educadores.

## **PENSANDO NOÇÕES DE INFÂNCIAS E EDUCAÇÃO**

Projetos e propostas educacionais estão diretamente articulados com as concepções construídas socialmente sobre as infâncias, principalmente no que diz respeito a necessidade de educá-las para a futura convivência no mundo adulto. À escola é atribuída a formação dos conhecimentos necessários para a interação social das crianças, sendo historicamente consolidada como espaço de proteção e educação das infâncias. As iniciativas pedagógicas demarcam maneiras de pensar e interagir, construindo um sujeito escolar ao qual são previstas determinadas atitudes e maneiras de pensar.

Diversas vezes, as atividades ou os projetos pedagógicos que desenvolvi com colegas educadoras/es apresentavam como argumentação o benefício para o futuro das crianças, principalmente quando o assunto estava relacionado a formação cidadã com ênfase em cooperação e solidariedade. Nossas intenções e objetivos estavam ligados a uma formação para o futuro que privilegiava o respeito às diferenças, mas não previa a possibilidade de ser diferente. Conteúdos escolares pré-determinados eram desenvolvidos com o objetivo de normatizar as aprendizagens e os conhecimentos que considerávamos necessários e importantes.

Nossas concepções sobre ser criança determinavam os caminhos pedagógicos, pois considerávamos que nós, educadoras/es, detínhamos os conhecimentos úteis e necessários para a formação dos estudantes. O que percebi e vivenciei, no entanto, é que inúmeras propostas educacionais estabelecidas no

âmbito escolar não atendem as necessidades das infâncias porque essas apresentam dinamismo na interação com as ferramentas tecnológicas e inúmeras mudanças nos relacionamentos interpessoais.

Em sala de aula as crianças escolhem os produtos a serem consumidos, interagem com diversos equipamentos eletrônicos, ensinam sobre o manuseio da internet, discordam de alguns ensinamentos e apresentam versões diferenciadas e desconhecidas das/os professoras/es, não se satisfazem com atividades que possibilitam uma única resposta final e estão conectadas uns com os outros através de redes sociais. Em consonância com essa ideia, Nascimento (2010, p. 23) afirma que “...a infância atual convive, a um só tempo, com uma superabundância de informação e com uma diversidade de equipamentos tecnológicos, favorecedores de interatividade e de provocações para a multiplicidade de pensamentos.” O cotidiano infantil mudou tanto que, como educadoras/es, temos dificuldades em compreendê-lo.

Ao levar estas considerações para o ambiente virtual fiquei curiosa para entender o que as/os professores em processo de formação pensam acerca do assunto. Perguntei: quais infâncias estão frequentando as salas de aula? As/os participantes do curso compreendem que as crianças da contemporaneidade interagem facilmente com os recursos da tecnologia e que isso modifica as relações dentro das salas de aula. Também se preocupam com as modificações relacionadas ao ato de brincar e ao desenvolvimento infantil considerado saudável. Lucia<sup>3</sup> afirmou que (...) *com a chegada da Tv digital, da internet e dos playstations, as crianças ficam cada vez mais alienadas e trancadas dentro de casa, trocando brincadeiras ao ar livre por monitores.*

Admitem a desestabilidade que educadoras/es sentem ao conviverem com infâncias cada vez mais tecnológicas e conectadas em redes sociais. Bianca apresentou tais ansiedades ao dizer que:

*Não sei se posso definir o ser criança hoje. Tudo tão pronto, tão mecânico, tão tecnológico – computador, celular, vídeo game, MP3, MP7, iPod e muitas outras coisas. Nada de pular corda, brincadeiras de roda, bolinha de gude, pega-pega, esconde-esconde. Um adulto plugado o tempo todo no Orkut, Facebook e outros mais. Sempre*

---

<sup>3</sup> Nomes dos participantes do curso são fictícios.

*navegando por outros mares diferentes da imaginação. Tudo já vem pronto. Não é preciso construir o carrinho, a boneca, a casinha, o carrinho de rolimã, a pipa.*<sup>4</sup>

Temos a necessidade de analisar, discutir, de tornar nossas inquietações palpáveis para compreender quais os melhores caminhos a serem seguidos para uma educação de qualidade. “Quando pensamos nas crianças, projetamos expectativas, futuros, planos ou sonhos para ele/ela, porém, nunca sabemos como, e se, tais projetos se configurarão. Daí nossa apreensão.” (Martins; Tourinho, 2010, p. 38) Nossas lentes estão nubladas diante de uma infância, ou melhor, de várias infâncias<sup>5</sup>, que apresentam um dinamismo fantástico, gerando insegurança sobre as decisões mais adequadas/acertadas para elas.

Bianca refletiu sobre seus sentimentos em relação à atuação pedagógica diante das diferentes infâncias que encontramos nas salas de aula ao dizer que: *As infâncias se mesclam, se confundem e ao mesmo tempo se mostram durante o processo de aprendizagem. Não é fácil lidar com isto!* E ainda:

*(...) quando observamos nosso plano de aula e todas as regras e normas de educação percebemos que nem sempre eles estão adequados para lidar com cada criança individualmente. Estes são elaborados para todos e cabe a nós – professores – em sala de aula lidar com as diferenças sejam elas de escolhas, de dificuldades, de gênero, religiosidade, financeira ou qualquer outra.*

Possivelmente, essa instabilidade da contemporaneidade é uma característica que não esteve presente em momentos históricos anteriores que percebiam as infâncias com outros olhares. As noções que temos sobre as infâncias da atualidade são diferentes, sendo históricas e constituídas culturalmente.

Através de inúmeros discursos “naturalizados” percebemos as infâncias como dóceis, ingênuas e dependentes dos adultos. Educar e cuidar tem se apresentado como referência para as práticas pedagógicas nas escolas que consolidam concepções de infâncias que precisam ser atendidas e protegidas pelos

---

<sup>4</sup> Todas as citações das/os participantes do curso estão destacadas em itálico.

<sup>5</sup> Tendo em vista a diversidade de vivências infantis em nosso contexto social, Leni Dornelles (2008) argumenta sobre a necessidade de usarmos o termo “infâncias” ao pensarmos sobre as crianças da contemporaneidade e suas interações sociais.

adultos. Tais ‘verdades’ dificilmente são problematizadas por educadoras/es que acabam por buscar uma formação homogênea para suas/seus alunas/os.

Lídia provocou-nos no fórum de discussões ao afirmar que o trabalho pedagógico com crianças deve enfatizar as individualidades: *A escola é o lugar em que todos os alunos devem ter as mesmas oportunidades, mas com estratégias de aprendizagens diferentes. É preciso considerar o espaço em que elas vivem e a maneira que constroem significados.*

A necessidade de classificar e descrever as crianças e suas atitudes tem a finalidade de homogeneizá-las para gerenciá-las através de normas e comportamentos considerados adequados. Diante das dificuldades educacionais atuais, cotidianamente apresentadas pelos meios de comunicação, a tarefa de normatizar uma condição “saudável” de vida para as crianças tornou-se o desejo profundo de muitas famílias e educadoras/es, ou seja, normatizando-as podemos comparar uma criança com a outra e principalmente, nossas atitudes em relação a elas. Segundo Dornelles (2008, p. 19): “(...) a invenção da infância implica na produção de saberes e “verdades” que têm a finalidade de descrever a criança, classificá-la, compará-la, diferenciá-la, hierarquizá-la, excluí-la, homogeneizá-la, segundo novas regras ou normas disciplinares”.

Sendo assim, as infâncias são criações culturais que tem histórias e são compostas pelo contexto histórico de cada época. Dornelles (2008, p.12) trata a infância “(...) como produto de uma trama histórica e social na qual o adulto que com ela convive busca capturá-la através da produção de saberes e poderes com vista ao seu gerenciamento”.

Na contemporaneidade, quais atribuições são conferidas às escolas para a educação das crianças? Quais infâncias estão em nossas salas de aula? Por que temos tanta necessidade de discuti-las e explicá-las? Procuramos crianças dóceis, dependentes de nossos ensinamentos? As infâncias estão reinventando as dinâmicas das salas de aula e “Esse é o grande desafio do educador do século XXI, dar conta das infâncias que continuam nos assustando, escapando de nossas redes, desconfiando de nossos saberes e poderes” (Dornelles, 2008, p.12).

Uma metanarrativa encontrada em inúmeros discursos pedagógicos está na afirmação de que as crianças são indefesas, subordinadas e que nós, adultos,

somos “salvadores” e responsáveis por guiá-las e formá-las conforme os preceitos que acreditamos serem corretos e valiosos. Sendo assim, as infâncias são inventadas.

Essas problematizações estiveram presentes nos fóruns de discussão durante o curso de extensão e foram instigadas pelo documentário “A invenção da infância” de Lilliana Sulzbach, acessado através do you tube. Destaco que o discurso de uma infância sonhadora, ingênua e pura estava presente de maneira significativa nos debates, evidenciando nossas concepções sobre ser criança e a necessidade que sentimos de protegê-las de uma realidade supostamente adulta ao mesmo tempo em que também promovemos a imersão delas neste contexto. Camila explicita esta visão romântica ao dizer que: *Ser criança é ter inocência, pureza, humildade... É depender dos adultos para tudo, não ter autonomia para tomar decisões. Mas é viver o seu próprio mundo, estar sempre livre de responsabilidades.* Em sintonia com Camila, Vanessa complementa esta ideia expondo que: *A infância é algo para ser aproveitado de uma forma bem descontraída por que nessa fase a criança só quer brincar e se divertir com os colegas.* Flávia corrobora este argumento explicando que: *Criança é uma fase pela qual passamos, é a época em que podemos fazer de tudo sem nos preocuparmos, é o momento de brincar, se divertir, viver sem ter medo de ser criança e poder ter uma verdadeira infância.*

Também percebi que inúmeros participantes enfatizaram que as/os educadoras/es tem a responsabilidade de resgatar valores de uma infância “verdadeira” e “sublime”. Nesse sentido, Viviane comentou que (...) *é importante o trabalho do educador diante de uma realidade que não permite que as crianças tenham realmente infância.* Em concordância com Viviane, Lidiane tomou uma posição assertiva ao dizer que: *A nós, professores, cabe favorecer a criação de um ambiente escolar onde a infância possa ser vivida em toda a sua plenitude, um espaço e um tempo de encontro entre os seus próprios espaços e tempos de ser criança dentro e fora da escola.*

As representações das infâncias são fabricadas por adultos que decidem como e de que maneira devem ser as crianças. Ao considerar que a criança é incapaz de falar por si mesma o adulto assume a função de representá-la, configurando suas maneiras de ver, ser, e ser vista. No decorrer da discussão (ou

fórum), Larrisa fez um comentário pertinente de certa forma se contrapondo a esse bordão educacional sobre infâncias. Para ela, as crianças estão imersas em relações de poder e, em consequência, também são capazes de narrar suas vivências: (...) *as crianças fazem mais do que simplesmente se adaptar aos valores e regras sociais. Elas são capazes de se manifestarem no contexto social em que estão inseridas. Nós, como educadores, devemos nos adaptar nas salas de aula a estarmos prontos para lidar com todas as diferenças.*

Produzimos ‘verdades’ educacionais, mas tais verdades nunca foram tão frágeis e mutáveis. Inúmeras e distintas infâncias estão invadindo os espaços de aprendizagem e produzindo algo, sendo também narradas e construídas. “Como criação da sociedade e, portanto, como construção social, a infância é sempre mutante e sujeita a transformações abrangentes.” (Martins; Tourinho, 2010, p.39)

Um dos elementos que transforma e produz as infâncias são as imagens. Aliadas as ferramentas tecnológicas e a recursos midiáticos as imagens estão cada vez mais presentes no cotidiano dos estudantes, sendo parte integral de seus ambientes de convivência, provocando diferentes olhares nas/os educadoras/es. Nesse sentido, as contribuições de Martins e Tourinho (2010, p. 42) são pertinentes:

A constituição histórica da relação entre conhecimento e visão mostra que as crianças participam e vivenciam as influências, instabilidades e perturbações provocadas pela onipresença da imagem na vida cotidiana. Essa viragem visual, não apenas deslocou conceitos, mas puxou às avessas concepções sobre cultura, família e escola, abalando valores, questionando e, sobretudo, colocando sob suspeita discursos pedagógicos vigentes sobre a infância. Além de participantes desse mundo visual, as crianças também são alvo do poder e sedução da imagem e, com ela, constituem seus modos de ser, perceber, desejar e experimentar o mundo.

É importante pensar que as crianças não recebem informações visuais de maneira passiva porque, estando inseridas em relações de poder, elas observam, assistem, consideram, questionam, absorvem, comparam, reinterpretem ou descartam informações, de acordo com aquilo que desperta suas curiosidades e interesses. Vivências visuais podem ser aceitas ou não, embora não possamos desconsiderar o poder de representação das imagens.

Tais imagens ensinam, constituindo-se como pedagogias visuais. Elas remetem ao processo de ensino e aprendizagem por meio de artefatos visuais, muitas vezes exteriores a instituições educacionais, com as quais aprendemos sobre o mundo e sobre nossas relações sociais. Tornou-se difícil negar que as/os alunas/os aprendem com pedagogias visuais (TAVIN e ANDERSON, 2010; STEINBERG e KINCHELOE, 2004), demonstrando inúmeras vezes, mais interesse por elas do que pelas visualidades que configuram o âmbito escolar.

## **(RE)SIGNIFICANDO OLHARES PARA ATENDER CONVITES DA CULTURA VISUAL**

Os artefatos visuais estão presentes nas salas de aula tem muitas histórias a serem contadas, revelando, inclusive, atitudes pedagógicas que modelam o comportamento das crianças. Sendo assim, como lidar com as imagens presentes nos contextos educacionais? Como as imagens naturalizam atitudes infantis? Como infâncias são produzidas por artefatos visuais presentes no cotidiano?

Desejei compartilhar estas questões com as/os professoras/es em formação inicial por acreditar que o diálogo e a troca de experiências favorece rupturas e colabora para que novas práticas pedagógicas sejam pensadas. Para isso, mostrei aos participantes do curso de extensão alguns artefatos visuais que estavam presentes na minha sala de aula (3º ano do Ensino Fundamental) e solicitei que comentassem. Imagens de mochilas com a estampa do Homem Aranha, caderno do Ben 10 e figurinhas das princesas da Disney e Barbie.

Muitos participantes do curso reconhecem que as imagens presentes no cotidiano infantil estão nas salas de aula e precisam ser pensadas e trabalhadas pelas/os educadoras/es. Através de suas afirmações percebo a relevância do desenvolvimento de práticas educativas que enfatizem reflexões sobre os artefatos visuais que nos envolvem cotidianamente. Para Vanessa, *As imagens fazem parte da nossa vida. A verdade é que nos acostumamos tanto com elas, que muitas vezes nem as percebemos.* De acordo com Rubens, *Cabe aos professores e principalmente aos professores de Artes Visuais direcionar o potencial dessas ferramentas para uma formação sadia de seus alunos, mostrando os prós e os*

*contras dessa parafernália que forma o universo de imagens que entra na nossa vida todo dia. Ricardo se posiciona afirmando que, Pensar o estudo das imagens dentro e fora das salas de aula é fato. Uma vez que as imagens povoam nossa vida, nosso cotidiano e nossa sociedade. Julia, por sua vez ampliou e, de certa forma aprofundou a discussão ao afirmar que as imagens falam sobre nossas crenças e valores sociais: Hoje em dia é essencial levar aos alunos propostas de observação e interpretação de imagens não somente em Artes Visuais, mas em todas as outras disciplinas. Ela complementa explicando que:*

*(...) não é possível pensar uma educação para a construção do conhecimento crítico sem a observação, leitura e interpretação de imagens, pois elas fazem parte de nossa vida e dizem muito do que somos, das nossas escolhas e do mundo onde vivemos.*

A compreensão da cultura visual diz respeito a entender como as imagens estão presentes de diferentes formas, em diversos lugares e tempos históricos e como esse processo se articula para formar nossas percepções de mundo. Objetos de estudo nesta área têm como foco imagens e artefatos sociais de diferentes épocas e grupos para traçar estudos e trajetórias de compreensão. Por exemplo, utilizar imagens oferecidas por propagandas publicitárias para compreender como o corpo é visto ao longo dos anos e para entender o que se pretendia transmitir como valor social em determinada época. Estamos imersos em uma extensa diversidade de imagens e não podemos ignorá-las como constituidoras de imaginários e de subjetividades visto que grupos sociais as produzem, “afetando” nossas visões e entendimentos do mundo.

Cunha (2010b) afirma que as “formas de controle que as imagens exercem nos espaços das salas de aulas são variadas, muitas vezes explícitas, outras vezes veladas” (p. 66). A autora trabalha com a temática cultura visual e infância, tratando de questões relacionadas às imagens, sejam elas imagens de arte, de publicidade, de informação, ficção, entretenimento ou da cultura popular, discutindo as pedagogias visuais efetuadas por elas dentro e fora dos contextos escolares. Propõe refletir, analisar e discutir como o universo visual manufatura nossos modos de ver a infância, ao mesmo tempo em que investiga a construção da visualidade infantil a partir das interações com diferentes materiais visuais.

Durante o fórum de discussão, ao refletir sobre essas questões, Roberta afirmou que: *É muito importante colocar os alunos em constante estado de atenção e reflexão sobre as formas de utilização da imagem na sociedade contemporânea.* Complementando, Rafaela acrescentou o seguinte:

*Vivemos num mundo onde as imagens ditam nosso modo de ser e agir em todos os sentidos e geralmente não refletimos sobre o real significado e relevância em nossa vida. Neste contexto o arte-educador tem um papel relevante como mediador do conhecimento.*

Cunha (2010b) defende que as narrativas visuais, sejam do anúncio de creme para rugas ou uma história da Turma da Mônica, atuam sobre nós, elaborando nossas visões e conceitos sobre o mundo. As imagens, narrativas visuais, articulam e constroem significados. A autora denomina "pedagogias visuais" processos educativos efetuados pelas imagens e que passam a compor um currículo paralelo, dentro e fora das escolas, funcionando como uma espécie de currículo visual. Pedagogias visuais instituem experiências visuais, modelam a percepção e a apreciação sobre o mundo a partir das visualidades que instauram conhecimentos sobre o cotidiano, moldando "verdades", valores e as formas de agir e de ser.

Cada vez mais se admite a importância de considerar o universo visual no trabalho pedagógico. A cultura visual abre portas para que possamos compreender que não há mais verdades absolutas ou interpretações corretas, mas sim, contextos e lugares que nos contam histórias.

O trabalho com a compreensão da cultura visual busca ir além de um entendimento sobre como as imagens estão presentes no contexto social, e sim, como elas se articulam para produzir nossas percepções de mundo. Nesse sentido, Hernandez (2010, p. 77) explica que:

(...) quando se fala, hoje, de cultura visual, tomam-na com pelo menos três sentidos: (a) um campo de estudo que indaga sobre as práticas de olhar e os efeitos do olhar sobre quem olha; (b) um guarda-chuva sob o qual se incluem imagens, objetos e artefatos do passado e do presente que dão conta de como vemos e somos vistos; e (c) uma condição cultural que, especialmente na época atual, marcada por nossas relações com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), afeta o modo como vemos a nós mesmos e ao mundo.

De maneira clara, Hernández (2000, p. 133) reforça esse argumento ao dizer que “... na era das imagens, há mais informações em nosso meio do que aquela que ‘vemos’. Talvez, por isso, falar de cultura visual a essas alturas seja algo que, como acontece com outros temas e problemas debatidos pelos saberes contemporâneos, esteja chegando muito tarde à escola.”

Durante as discussões nos fóruns ficou evidente que as/os educadoras/es acreditam que o trabalho pedagógico para a educação da cultura visual é relevante para a formação de estudantes críticos e reflexivos. Defendem isso porque reconhecem que as imagens exercem pedagogias, ensinam algo e falam sobre como algumas coisas devem ser. No entanto, fui surpreendida ao encontrar relatos e comentários que atribuíram um valor negativo e maléfico a determinados artefatos visuais.

Ao comentarmos sobre o super herói Ben 10, presente nas salas de aula através de mochilas, camisetas, lápis, figurinhas e brinquedos, alguns participantes atribuíram a agressividade dos meninos a este personagem sem considerar que as narrativas deste super herói estão inseridas em um contexto social de ordem mais ampla e que outros artefatos culturais estão interligados a ele constituindo maneiras de ser e agir. De modo incisivo, João afirmou que: *Esta é uma imagem que para o meu modo de ver não acho que faz bem para os alunos, pois eles tentam copiar todos os gestos, muito das vezes se tornam crianças rebeldes e indisciplinadas.* Lucas, de maneira espontânea, porém assertiva, reiterou: *Concordo com você João, pois vejo que as crianças tentam imitar e com isso tornam-se agressivas.* Aline, revelando algum cuidado, ainda argumentou: (...) *essas imagens trazem uma visão de luta e guerra, como os meninos já tem uma visão que homem tem que ser macho e forte não leva desaforo para casa, os mesmos acabam se inspirando nos desenhos e se tornando crianças agressivas.*

Penso ser necessário transcender concepções que polarizam a influência de determinados artefatos visuais como positiva ou negativa, buscando uma formação social, afetiva e intelectual do educando. A importância de trabalhar com estes assuntos em sala de aula está na reflexão conjunta que pode ser feita com os alunos e na desnaturalização de fatos e representações. Não há mais verdades

absolutas ou interpretações corretas, mas, contextos e lugares que nos contam histórias (HERNÁNDEZ, 2000).

Estamos imersos em uma extensa diversidade de imagens e não podemos ignorá-las como constituidoras de imaginários e de subjetividades, como artefatos que “afetam” nossas visões e entendimentos do mundo. Hernández (2007, p. 25), detalhar e especifica essa diversidade de imagens explicando que

(...) ao utilizar a expressão cultura visual para sugerir um outro rumo para a educação das artes visuais, defendendo que estamos vivendo em um novo regime de visualidade. Uma consequência deste reposicionamento em relação a diferentes práticas educativas (não somente na Escola) é que nos leva a propor a necessidade de ajudar crianças e jovens e também os educadores, a irem mais além da tradicional obsessão por ensinar a ver e a promover experiências artísticas. Em um mundo dominado por dispositivos visuais e tecnologias da representação (as artes visuais atuam como tais), nossa finalidade educativa deveria ser a de facilitar experiências reflexivas críticas.

Se considerarmos que as práticas escolares estão diretamente relacionadas a movimentos sociais de ordem mais ampla, não podemos ignorar a presença significativa e contundente das imagens na cultura. Elas estão em toda parte, transmitindo e produzindo (sendo produzidas) maneiras de olhar o mundo. Invadem cenários sociais tornando impossível ignorá-las como parte de nossas vidas. As imagens assumem lugar privilegiado no cotidiano evidenciando a necessidade de uma educação para a compreensão da cultura visual.

## **PALAVRAS FINAIS**

O mundo visual produz olhares sobre maneiras de perceber, construir relações e vivenciar o cotidiano. Por esse motivo não podemos deixar de refletir sobre a escola como espaço onde narrativas tornam-se forças propulsoras que se imiscuem ao processo escolar apesar de resistências, barreiras formais e informais e restrições normativas que dificultam a possibilidade de mudanças. Algumas narrativas circundam o âmbito escolar há muito tempo, impactando as maneiras e os

enfoques a serem trabalhados em sala de aula. A escola projeta sujeitos com formação homogênea, regulados e normatizados, na contramão de realidades contemporâneas que demandam sujeitos autônomos, criativos e flexíveis em uma sociedade caracterizada pela incerteza. O universo visual gera impacto, repetição e sedução criando pedagogias culturais, pois as imagens podem direcionar nosso olhar para situações sociais, políticas e econômicas que educam.

Saberes eruditos, considerados corretos, norteiam muitas práticas pedagógicas ao mesmo tempo em que conhecimentos trazidos pelos estudantes ou oriundos de fontes externas à escola são, geralmente, marginalizados, deixados de lado ou, eventualmente, “ganham” um pequeno espaço na rotina escolar. Conhecimentos do dia-a-dia das crianças fruto de seus interesses e curiosidades são exemplos de práticas culturais desqualificadas pelas escolas. Recordo, com pesar, situações em que repudiei as manifestações de alunas e alunos, mas, hoje, reflito, repenso e reavalio as perspectivas que orientavam minhas ações. Assim como Cunha (2010b, p. 56) procuro constantemente questionar o “que estamos fazendo ao estabelecer um mundo pra as crianças? Que salas de aula estamos organizando para elas?”

Os percursos deste estudo não pretendem mostrar o quanto as imagens ou outros artefatos culturais são maléficos ou negativos, nem sinalizar caminhos mais seguros para uma educação de qualidade. Buscam, apenas, problematizar o modo como as imagens instauram maneiras de ser e pensar. Essas discussões, durante o curso de extensão em ambiente virtual com professoras e professores em formação inicial, tiveram por objetivo gerar inquietações e desalojar algumas certezas caprichosamente ou capciosamente sedimentadas, apontando outras possibilidades e modos de pensar nossas relações com artefatos e visualidades contemporâneas.

## **REFERÊNCIAS:**

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Ed. LTC. Rio de Janeiro. 1978.

CUNHA, Susana Rangel Vieira. Cenários da Educação Infantil. *Educação e Realidade*. Edição eletrônica, 2010a.

CUNHA, Susana Rangel. As infâncias nas tramas da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). *Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola...* Santa Maria: Editora UFSM, 2010b, p. 131-161.

DORNELLES, Leni Vieira. *Infâncias que nos Escapam: da criança na rua à criança cyber*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_. *Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Culturas da infância e da imagem: aconteceu um fato grave, um incidente global. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). *Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola...* Santa Maria: Editora UFSM, 2010, p. 37-45.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves. Visualidade e infância até seis anos: versões em imagens e os desafios da educação infantil. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). *Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola...* Santa Maria: Editora UFSM, 2010, p. 15-36.

SULZBACH, Liliana. A invenção da infância.  
<http://www.youtube.com/watch?v=02ziUbl7h6U>, acesso em 20 de julho de 2011.

STEINBERG, Shirley e KINCHELOE, Joe (Orgs.). *Cultura Infantil – A construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

TAVING, Kevin; ANDERSON, David. A cultura visual nas aulas de arte do ensino fundamental: uma desconstrução da Disney. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). *Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola...* Santa Maria (RS): Editora UFSM, 2010, p. 57-69.